



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 13 N. 02 2017

Literatura e Confinamento II

O silêncio audível em *É isto um homem?*, de Primo Levi

Neiva Kampff Garcia
Cláudia Mentz Martins

Resumo: Primo Levi, na obra *É isto um homem?*, publicada pela primeira vez em 1947, relata sua experiência junto aos judeus do complexo de Auschwitz e dá voz aos ausentes, aos que foram silenciados pela inexistência física no pós-guerra, aos que foram as verdadeiras testemunhas do período que conhecemos por holocausto. Levi retrata os sujeitos que conheceram uma existência de permanente oscilação, resultado de uma desconstrução física, moral e afetiva com a derrota do nazismo em 1945. A vida dos homens e mulheres pós-Auschwitz caracterizou-se pelos sentimentos opostos, como alívio e arrependimento, culpa e alegria, lágrimas e revolta, transtornando a capacidade de rebelião dos sobreviventes diante da liberdade. A contínua vivência em estados-limite, que o autor irá expor ao longo da obra referida, é uma profunda reflexão sobre a fragilidade da existência humana em confronto com a sua capacidade de resgatar o registro memorial de múltiplas percepções de uma época de anulação e apagamento de si mesmo. O aniquilamento físico, a desintegração moral e espiritual, a precariedade de entendimento da realidade, a degeneração e a opacização do ser humano como um todo são as perspectivas colocadas pelo escritor para recriar a sua própria identidade. Ele, enquanto narrador e personagem de um dos períodos mais horrendo da era moderna, efetua um registro que desvela a (sobre)vida do homem do pós-Segunda Guerra Mundial.

Palavras-Chave: Primo Levi; campo de concentração; memória; silêncio.

Abstract: Primo Levi, in the novel *É isto um homem?*, published by the first time in 1947, tells his experience with the Jewish in the complex of Auschwitz and gives voice to the absent, to whom were silenced by the physical inexistence in the post war, to whom were the real witnesses of the period that we know as holocaust. Levi portrays the subjects who knew an existence of permanent oscillation, as a result of a physical, moral and affective deconstruction with the defeat of Nazism in 1945. The life of men and women post-Auschwitz characterized by the opposite feelings, as relief and repentance, guilt and freedom. The continuous experience in limit situations, which the author will explain during the referred work, is a deep reflection about the fragility of the human existence against the annulment and deletion of the self. The physical annihilation, the moral and spiritual disintegration, the few understanding of the reality, the degeneration and the obscurity of the human being as a whole are the perspectives put by the writer to recreate its own identity. He, as a narrator and character of one of the most terrible periods of the modern age, creates a register that unveils the survival of the man of post of Second World War.

Keywords: Primo Levi; concentration camp; memory; silence.

Cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irrealizável; poucos, porém, atentam para

a reflexão oposta: que também é irrealizável a infelicidade completa.¹

1 Introdução

Häftling: aprendi que sou um *Häftling*. Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo.²

A epígrafe que inicia este artigo encontra-se em *É isto um homem?* e alude aos estados-limite que o autor irá expor ao longo da obra. Primo Levi afirma que tais estados limites “não podem se realizar por virem da condição humana que é contra qualquer ‘infinito’” (1988, p. 17) e, a partir disso, a incerteza e a instabilidade do acontecimento futuro, em contato com a fragmentação temporal das ocorrências, se tornam contínuas interrogações. A narrativa presencial da sua vivência em um *lager* nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, num período de tempo determinado e com o resgate posterior dos fatos, circula por diferentes níveis de memória, trazendo à tona, por consequência, múltiplas percepções do período mais horrendo das guerras da era moderna.

Primo Levi (1988) é um químico, um italiano, um judeu e, como ele diz na epígrafe desta Introdução, um ser que perdeu a identidade, um *häftling*. No *lager* alemão ele é um número de uma imensa multidão de seres desprezíveis – enquanto seres humanos – e escravos úteis – enquanto parte da engrenagem econômica do nazismo. A passagem de um estado humano para um animalesco ocorre exatamente no momento em que ele se despoja de seus pertences, de suas recordações, de sua história e se torna uma estatística, um número, um prisioneiro sem futuro e sem nenhuma perspectiva positiva.

É isto homem? é uma profunda reflexão sobre a fragilidade da existência humana, em confronto com a sua mais intensa capacidade de sobreviver, onde há apenas loucura, sofrimento e dor. A privação da maioria dos recursos de manutenção de vida biológica a um grupo selecionado, imposta por outros seres humanos no auge do egoísmo e soberba, alia-se à suprema miséria e humilhação moral que desconecta a vida e deteriora o intelecto e a alma. O nascimento do mal, em parâmetros novos, induz a um gradual apagamento dos seres escolhidos como alvos da horrenda destruição executada

¹ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 17.

² LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 33.

pelo nazismo de Hitler, que registra o extermínio como fato casual e compreensível para sedimentar uma nova era. A Alemanha se transforma paulatinamente no berço de um estado totalitário, cujo nacionalismo justifica todo e qualquer cunho beligerante e opressor.

Levi, como escritor, ocupa-se, nessa obra, dos judeus do complexo de Auschwitz com quem conviveu e dá voz aos ausentes, aos que foram silenciados pela inexistência física no pós-guerra e que foram em realidade as verdadeiras testemunhas. As câmaras de gás, as condições sub-humanas e a divisão aleatória por questões de (não) utilidade levaram a grande massa das vítimas a um patamar de só terem presença na sua ausência, no seu desaparecimento físico. Os que sobreviveram conheceram uma existência em permanente oscilação, resultado de um percurso de desconstrução física, moral e afetiva de tamanha envergadura que o período de sobrevivência tornou-se motriz de sentimentos opostos como alívio e arrependimento, culpa e alegria, lágrimas e revolta, transtornando sua capacidade de rebelião diante da liberdade. Os testemunhos, a negação, o silêncio voluntário e o silêncio pela ausência são um mosaico de sentidos humanos gerados a partir do que a estudiosa Hannah Arendt (1999) denominou como “banalidade do mal”. Essa designação de mal associa o totalitarismo implementado por Hitler, numa Alemanha enfraquecida e humilhada por radicais sanções econômicas no pós-Primeira Guerra Mundial, ao surgimento e à prática da violência extrema e contínua, isto é, o mal radical ao mal banal que é praticado pelos comandados dessa governança.

Conforme afirma Levi (2004), a grande mancha do século XX foi a primazia de um fenômeno inimaginável e incompreensível para o contingente populacional da época, fundamentado em “lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade” (2004, p. 17). Essa nova perspectiva confronta duas partes fundamentais de uma imensa engrenagem: o executor e/ou opressor com a vítima e, em ambos, o entendimento e a justificativa dos acontecimentos não passam pelo entendimento racional. A execução é creditada à obediência (por parte do algoz comandado) e à inércia, e/ou à submissão, por parte do oprimido. Nesse quadro, a imensa maioria das vítimas é judia, embora haja também grupos de ciganos, homossexuais, negros, egressos dos sistemas penais, deficientes físicos e mentais, políticos e oponentes intelectuais.

Nessa perspectiva testemunhal, de acordo com os relatos de Levi, registramos também as palavras de Elie Wiesel em *A noite* (2001), quando ele diz que teria muito mais coisas a dizer, mas não encontrava as palavras certas. Segundo ele, a linguagem é

um meio pobre que se transforma num obstáculo, devendo-se inventar outra linguagem. Para Primo Levi, a questão primordial do testemunho era a incapacidade física de falar com a voz e o pensamento do outro, e Wiesel afirma que necessita de uma semântica específica do holocausto. O que une ambos é a destruição do instrumento capaz de traduzir a vivência em mundo à parte, que torna o relato inverossímil para quem não o vivenciou e impossível de expressar para quem sobreviveu e conseguiu retornar por inteiro. Ocorre aqui a geração do absurdo, que não pode ser relatado fielmente e nem compreendido por quem não vivenciou. As massas envolvidas estão cerceadas pelo pensar ausente que os transforma em autômatos, dividindo-os em carrascos e/ou opressores e/ou algozes e vítimas e/ou oprimidos e/ou escravos e, de modo inverso, só os mortos são a prova cabal do terror infringido e os sobreviventes são relatores de algo incompreensível.

Essa destruição intensa e permanente preenche uma nova semântica, a do Holocausto³, que aniquila as lembranças e o futuro, e mantém os prisioneiros oscilantes entre o estado de pessimismo absoluto e o de alienação permanente. Desse aniquilamento, Levi, o narrador de *Isto é um homem?*, nos diz:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (1988, p. 32)

A destituição da humanidade aliada à incredulidade e incompreensão da realidade descredencia o prisioneiro de qualquer tentativa de reação no âmbito físico, psicológico ou moral, o que nos leva a perceber que ler uma obra desse porte requer uma imensa disponibilidade de imaginar. A ficção abarca várias possibilidades de entendimento enquanto dá vazão a múltiplas versões para os mesmos fatos. Opressores diversos são classificados de acordo com sua atuação em diferentes locais e tempos, oprimidos são uma massa de seres sem raciocínio que se espalham pela geografia política do Nazismo, que se utiliza dela como sustentação econômica da própria guerra.

³ Holocausto será usado, neste trabalho, no sentido de massacre de judeus e de outras minorias pelo Nazismo vigente na Alemanha, no período anterior à Segunda Guerra Mundial, e durante ela. Muitos estudiosos utilizam o termo *Shoah* em lugar de Holocausto.

O conhecimento histórico, antropológico, político, sociológico e/ou filosófico, empregado em profundas análises efetuadas *a posteriori*, não promove um entendimento contínuo e claro dos episódios e das consequências, porque a restauração dos fatos obedece a tantas variáveis quanto forem os testemunhos, suas vozes, suas origens, seus locais e suas lembranças. Os narradores testemunhais, os personagens, em seus diversos cenários, e as diferentes memórias precisam, antes de mais nada, obterem um *status* de permanência na atualidade, para que a humanidade tenha à sua disposição continuamente a capacidade de rejeição a essa vivência de horror e destruição.

2 Cenário

Para nós, o Campo não é uma punição; para nós não está previsto um prazo; o Campo é apenas o gênero de existência que nos foi atribuído, sem limites de tempo, dentro da estrutura social alemã.⁴

A detenção de Primo Levi ocorreu em 13 de dezembro de 1943, quando foi enviado para um Campo em Fóssoli, perto de Modena, Itália. Dali, em 22 de fevereiro de 1944, foi transportado para a estação de Cárpi onde, como parte de um grupo de 650 judeus, embarcou em um dos doze vagões destinados a Auschwitz. A respeito dessa experiência ele narra:

Ali estava, então, sob nossos olhares, sob nossos pés, um dos famosos comboios alemães, desses que não retornam, dos quais, com um calafrio e com uma pontinha de incredulidade, tantas vezes tínhamos ouvido falar. Era isso mesmo, ponto por ponto: vagões de carga, trancados por fora, e, dentro, homens, mulheres e crianças socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo. (LEVI, 1988, p. 17)

Segundo seu relato, das 45 pessoas de seu vagão, apenas quatro sobreviveram e este foi o “mais afortunado” dos vagões. Espremidos como animais enjaulados, sofreram fome, frio, sede, fadiga, exaustão emocional, agressividade mútua, pelas mais diversas razões, e enfrentaram a absurda crueldade dos transportadores através de todas as humilhações e ofensas ao pudor possíveis. Desse período de tempo encerrado pela viagem de trem, Levi nos deixa duas importantes considerações.

⁴ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 120.

A primeira diz respeito à noite de 21 para 22 de dezembro de 1944, quando os judeus se prepararam para a viagem, quando o tempo de interrogação ainda era passível de raciocínio: “Falamos de muitas coisas naquelas horas; fizemos muitas coisas; mas é melhor que não permaneçam na memória” (LEVI, 1988, p.16). Essa é a primeira clara manifestação de como a memória poderá e será manipulada pelas consciências sobreviventes, tanto no aspecto físico, quanto no moral e no intelectual. Levi e todos os sobreviventes que se dispuseram a testemunhar, oficialmente ou não, mantiveram a sanidade mental ao manusear as reminiscências nos mais diferentes períodos de tempo. Lembrar, rememorar e contar permitiram que, mesmo nos apagamentos oficiais, as vivências fossem tornadas públicas para a inserção na história de horror do período nazista.

A segunda, já na obra *Os afogados e os sobreviventes* (2004), Levi alude à viagem para Auschwitz dizendo que: “Era efetivamente um prólogo. Na vida que devia vir, no ritmo cotidiano do *Lager*, a ofensa ao pudor representava, pelo menos no início, uma parte importante do sofrimento global” (LEVI, 2004, p. 96). Na mesma obra, o autor afirmou, ainda, que adaptar-se a isso significava que “a transformação de seres humanos em animais já estava a meio caminho” (LEVI, 2004, p. 97). O Campo seria um microcosmo da sociedade alemã em todas as suas ocorrências e tal como foi instalado, foi destruído pelo ódio e pela cegueira de uma guerra sem inimigos; luta ilógica preenchida apenas pela violência de um movimento nacionalista alimentado pela capacidade de multiplicar o mal pelo mal em si. Nas palavras de Levi:

Reproduzia-se assim, dentro dos *Lager*, em escala menor mas com características ampliadas, a estrutura hierárquica do Estado totalitário, no qual todo o poder emana do alto e um controle de baixo para cima é quase impossível. Mas esse “quase” é importante: jamais existiu um Estado que fosse realmente “totalitário” sob esse aspecto. Uma forma qualquer de reação, um corretivo ao arbitrário total, jamais deixou de haver, nem no Terceiro Reich nem na União Soviética de Stalin [...] Só dentro do *Lager* o controle a partir de baixo era nulo, e o poder dos pequenos sátrapas era absoluto. (2004, p. 40) (Grifos do autor.)

Analisando o período em questão, Levi diz “acredito que os doze anos hitlerianos compartilhem sua violência com muitos outros espaços/tempos históricos, mas que caracterizem por uma difusa violência inútil, com um fim em si mesma, voltada unicamente para a criação da dor [...]” (LEVI, 2004, p. 91). Os rituais e as tarefas rotineiras impostos pelos SS e repassados pelos *Kapos*, aos mais diferentes grupos de prisioneiros, reiteravam a dor e o sofrimento, através da mais profunda

humilhação, esgotando qualquer resquício de humanidade que ainda pudesse existir. A tatuagem foi um mecanismo impactante para deteriorar definitivamente a identidade, o individualismo e a possibilidade de burlar o ferrenho controle da ordem e da disciplina. Ela registrava a entrada dos prisioneiros nos Campos, identificando sua origem e categoria, além de seu destino.

De acordo com o autor, “Todos esses sofrimentos constituíam o desdobramento de um tema, aquele do suposto direito do povo superior de subjugar ou eliminar o povo inferior [...]” (LEVI, 2004, p. 100), e utilizava os considerados valores alemães, como a ordem, a praticidade e a disciplina, para ampararem seu modelo destrutivo. Prossegue o autor, dizendo:

[...] parece-me evidente que, sob muitos de seus aspectos mais penosos e absurdos, o mundo concentracionário era tão-somente uma versão, uma adaptação da prática militar alemã. O exército dos prisioneiros nos *Lager* devia ser uma cópia inglória do exército propriamente dito: ou melhor, uma sua caricatura; (LEVI, 2004, p. 100)

Segundo analisa a testemunha Primo Levi, “Para um nazista ortodoxo devia ser óbvio, nítido, claro que todos os judeus tinham de ser eliminados: era um dogma, um postulado” (2004, p. 102). Esse registro também facilitava a utilização dos escravos para suprirem constantemente as necessidades de mão-de-obra da indústria bélica. O processo era rápido e, conforme Levi, “seu significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais: esta é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro, e vocês se tornaram isso” (2004, p. 103).

A violência dessa marcação tinha como finalidade ofender, humilhar e destruir a autoimagem daqueles que eram tatuados e, para um grupo em especial, havia uma mensagem não verbal que os condenava em mais uma instância, a religiosa. Levi esclarece que “Tratava-se também de um retorno à barbárie, tanto mais perturbador para os judeus ortodoxos: de fato, justamente para distinguir os judeus dos ‘bárbaros’, a tatuagem é vetada pela lei mosaica (*Levítico*, 19.28)” (2004, p. 103). A destituição da privacidade, a nudez diante de todos, a separação dos familiares, as humilhações nos atos fisiológicos, a perda de todos os seus objetos pessoais e a marcação incrustada na pele formavam um conjunto de fatos inaceitáveis para todos e, em especial, para aqueles cujo tempo de vida havia cercado de respeito e consideração.

Ultrapassada essa iniciação, outro ritual se instala como elemento de destruição dos até agora prisioneiros: a escravidão. O trabalho nos Campos era, ao início, de caráter punitivo, concentrando-se em atividade braçais e humilhantes do ponto de vista social e que terminava sempre na eliminação do inimigo da raça inferior, e, por derivação, também dos adversários políticos. Com o crescimento das necessidades produtivas da indústria alemã, a utilidade foi acrescentada à humilhação e ao sofrimento do inimigo, dando ênfase à sua lucratividade como fornecimento gratuito e ininterrupto de mão-de-obra braçal e também intelectual – caso exemplar do próprio Primo Levi, selecionado para trabalhar num laboratório do Campo.

A descrição que Levi faz do Campo em que permaneceu, como um cenário de engrenagens indecifráveis e incompreensíveis, engendrado sob o ódio e o terror, traz à tona a sua exposição de que pensar e raciocinar são atos inúteis e extremamente dolorosos num mundo destruído em que apenas a animalidade o mantém em estado de (sobre)vida. Desta posição, Levi descreve:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência. Ficará claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de Extermínio”, bem como o que desejo expressar quando digo chegar no fundo. (1988, p. 33) (Grifo do autor.)

Em outro momento, o autor sentencia que, para ele e muitos outros sobreviventes, “o *Lager* foi uma universidade; ensinou-nos a olhar em redor e a medir os homens” (LEVI, 2004, p. 121). O Campo como cenário da prisão, dos trabalhos escravos físicos ou intelectuais, da fome, da dor, do frio, do sofrimento moral e das vivências de lutas, dos fornos crematórios e dos laboratórios de experimentos com seres humanos, dos enforcamentos exemplares e fuzilamentos sumários, forma uma massa de recordações que precisam ser arquivadas em uma memória, tanto individual quanto coletiva.

Essa constelação de fatos necessita ser narrada para que a realidade seja passível de conhecimento por todo um universo de homens, para que o mal constituído possa ser repellido no futuro da humanidade. Primo Levi é uma das vozes mais importantes dessa memória e se faz narrador e testemunha, sobrepondo ao apagamento da morte e do silêncio uma narrativa que prossegue até nossos dias.

3 Narrador

Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa escrevendo –, hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido.⁵

A primeira edição de *É isto um homem?* foi inicialmente rejeitada pela Editora Einaudi, a mais importante da cidade natal do autor, Turim. Foi publicada por um pequeno editor em 1947, com 2500 exemplares, dos quais sobraram 600, que foram destruídos em 1966, numa enchente de outono em Florença. A segunda edição veio a público em 1957, numa apresentação revisada já, então, pela editora Einaudi, tendo sido o livro traduzido para o inglês em 1959. Como parte do prefácio, Levi escreve:

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos com intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.

Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação. (1988, p. 8) (Grifos do autor.)

A busca da narrativa era a tentativa de remover a camada de dor e sofrimento, que embotava as mentes dos mais cultos e dos incultos, e trazer à tona lembranças dolorosas que eram tão variadas quanto o número dos sobreviventes. Os seres humanos relacionados ao período de Levi, em Auschwitz, eram tão variados quanto, nas suas palavras,

[...]’amostras’, exemplares de um catálogo, a serem reconhecidos, analisados e sopesados” que lhe forneciam a amostragem que Auschwitz me descortinara era abundante, variada e estranha; composta de amigos, de neutros e de inimigos, ou seja, alimento para minha curiosidade, que alguns, então e depois, julgavam distanciadas. (LEVI, 2004, p. 120) (Grifo do autor.)

A recordação é traumática pela recuperação dos fatos e pela reconstituição das dores causadas e atinge tanto ao opressor como ao oprimido. O primeiro busca o esquecimento como alívio de culpa, e a vítima realça o sofrimento num mecanismo de apagamento da dor. Ignorar as atrocidades cometidas é um ato deliberado, que incorpora

⁵ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 152.

ao cotidiano uma postura de cegueira e inocência. Essa postura justifica a aceitação obediente dos carrascos em função da lucratividade na exploração dos inimigos subjugados. Conforme Levi (2004), um processo de falsificação da realidade passada ou presente, que fabrica uma realidade conveniente, é uma construção de verdade conveniente.

Aos que conseguiram sair dos portões dos campos nazistas coube a tarefa de convencimento dos seus contemporâneos de que o nazismo, como história, precisava não só de responsabilização jurídica como de punição pelos crimes contra a humanidade. Tais posturas fizeram necessárias as palavras dos sobreviventes de onde quer que viessem ou como se manifestassem, o que fazia da memória o seu maior instrumento. Muitos falaram logo após a libertação, outros levaram vários anos para concatenarem suas recordações e outros apenas escreveram; mas todos buscaram de uma maneira ou outra se libertar do silêncio opressor que acompanhou os vivos e, de modo figurativo, também os mortos. Sobre isso, o escritor, reforça que,

Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só o nosso destino, mas também aquele dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso “em nome de terceiros”, a narração de coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição lavada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém voltou para contar a sua morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque sua morte começara antes da morte corporal. Semanas e meses antes de morrer, já tinham perdido a capacidade de observar, recordar e se expressar. (LEVI, 2004. p. 73) (Grifo do autor.)

O período que Primo Levi vivenciou no Campo, com suas características particulares, seu trabalho, sua maior ou menor capacidade de adaptação, suas habilidades e seu intelecto, sua convivência com os companheiros e com seus algozes, sua saúde física e mental e sua ida para Auschwitz, fez de sua voz um som único. Diferentemente dos milhares de judeus que tinham outras origens, diferentes percursos e capacidades, que foram em grupos familiares, que estiveram em guetos onde foram mais ou menos submetidos aos exploradores nazistas e/ou judeus, cada permanente posição de solidão do autor precisou contar com muito tempo para ensaiar a remissão de suas sequelas e traumas.

Levi foi para Auschwitz só, sem família e sem grandes sofrimentos iniciais, contando com a sorte de ser selecionado mais de uma vez para o período de (sobre)vivência no funcionamento do Campo. A sua escrita traduz uma fração de vozes que falaram e por testemunho milhões que não sobreviveram, os que foram designados

como “muçulmanos”⁶, isto é, os seres silenciosos que foram lentamente desconstituídos intelectual, psicológica e moralmente até o definitivo apagamento, que os conduziu à indiferença e à morte:

Desse modo brutal, oprimidos até o fundo, viveram muitos homens do nosso tempo; todos, porém, durante um período relativamente curto. Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória.

A essa pergunta, tenho a convicção de poder responder que sim. Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. Desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social. (LEVI, 1988, p. 127)

Traçar um percurso homogêneo para a narrativa de um evento tão arraigado no mal coletivo é certamente um longo e penoso trabalho de reconstituição de partes menores. Destas partes inúmeras versões que podem falsear o testemunho, seja por esquecimento, por omissão proposital ou por alteração temporal. Retroceder, reconstituir, rememorar, refazer são realizações que podem gerar narradores com várias falas sobre um mesmo episódio e, certamente, narrar uma história alheia é uma circunstância muito complicada pela limitação de cada olhar. Nesse sentido, Levi nos diz que:

Numa distância de anos, hoje se pode bem afirmar que a história dos *Lager* foi escrita quase que exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam o seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão. (2004, p. 14)

Alguns sons e cheiros permanecem como gatilho para ativar lembranças diretas registradas sobre o pano de fundo do Campo e deles sempre restará a lembrança como um alicerce, mesmo que não se fale sobre eles ou se tente relacioná-los com outras situações. O narrador nos fala de alguns símbolos desse período:

Tenho os olhos fechados; não quero abri-los, não, para que o sono não fuja de mim, mas ouço os ruídos: este apito ao longe eu sei que é de verdade, não é da locomotiva do sonho. É o apito do trenzinho da fábrica dia e noite. Uma longa nota firme, logo outra, mais baixa de um semitom, logo a primeira nota de novo, mas curta, truncada. Esse apito é importante; é, de certo modo, essencial: tantas vezes já o ouvimos, ligado ao sofrimento do trabalho e do Campo, que se tornou seu símbolo, evoca diretamente a

⁶ Conforme Primo Levi, a palavra *muselmann*, ou muçulmano, designava os fracos, os irreversivelmente exaustos, extenuados, os ineptos, os destinados às câmaras de gás. “Propuseram-se para o fato duas explicações, ambas pouco convincentes: o fatalismo e as faixas na cabeça, que podiam simular um turbante. Aquele termo está refletido exatamente, inclusive em sua ironia cínica, pelo russo *dokhodjaga*, literalmente ‘chegado ao fim’” (LEVI, 2004, p. 85).

ideia do Campo, assim como acontece com certos cheiros, certas músicas. (LEVI, 1988, p. 84)

O trem era o grande meio de locomoção do continente europeu e, por ele, todos, cedo ou tarde, percorreriam algumas distâncias, em suas linhas que estavam por todos os lugares. Com isso, por mais que os egressos dos Campos pudessem tentar se isolar desse contato, o trem permanecia como parte ativa de seus caminhos. Os sons da estrada de ferro, das locomotivas, dos vagões de passageiros e de animais, das multidões em deslocamento, reativam o período vivido nos Campos.

Na memória do cotidiano do Campo, permanece a música, um pequeno número de canções populares alemãs que acompanhavam as marchas de uma banda marcial que marcavam as idas e vindos do trabalho, a chamada, e diferenciavam os tempos diários. Gravadas nas mentes e, como afirma Levi, serão as últimas coisas a serem esquecidas, “são a voz do Campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro, como seres humanos, para depois matar-nos lentamente” (1988, p. 70).

Outra lembrança simbólica, ligada a um ruído, é o barulho dos pés caminhando num assoalho, que, num primeiro momento, tem um nexos familiar e, ao se repetir no Campo, associa-se à dor, à humilhação, à fome, ao frio e às necessidades fisiológicas que precisam ser aliviadas no único balde de cada alojamento. Quando os baldes estavam cheios, os prisioneiros tinham de sair na intempérie para esvaziá-los nas latrinas do Campo. Os sobreviventes carregam consigo a lembrança do grupo, dessa circunstância, como uma massa compacta que sobrevive como uma engrenagem autômata e sem vontade, apenas guiada pelos instintos biológicos de sobrevivência. O autor rememora,

A procissão do balde e o barulho dos nossos pés descalços no assoalho transformam-se em outra simbólica procissão: somos nós, cinzentos e idênticos, pequenos como formigas e altos até as estrelas, comprimidos um contra outro, inumeráveis, por toda a planície até o horizonte; fundidos, às vezes, numa única substância, numa massa angustiante na qual nos sentimos presos e sufocados; ou, às vezes, numa marcha em círculo, sem começo nem fim, numa maré de náusea que nos sobe até a garganta; até que a fome, o frio ou a bexiga cheia encaminhem os nossos sonhos dentro dos esquemas de sempre. (LEVI, 1988, p. 88-89)

Voltar para casa, como foi o caso de Primo Levi, reencontrar seus objetos, suas roupas, sua família, o alimento, a bebida, a cama, o agasalho, os amigos, reconecta-o com a vida – com a sobrevivida – e com o período de horror no Campo. Uma longa e dolorosa readaptação é empreendida por ele e por outros egressos do Holocausto.

Porém, não um processo de continuidade nesse retorno, pois não se pode apagar e narrar os tempos como se houvesse interrupção entre eles. Manter o intelecto abastecido de pensamentos elaborados pode auxiliar na manutenção da racionalidade, mas não impede que os acontecimentos fiquem, como afirma Levi, numa história que havia parado no tempo (1988, p. 172). Ele ainda afirma que:

A mim a cultura foi útil; nem sempre, às vezes por vias subterrâneas e imprevistas, mas me serviu e talvez me haja salvo.⁷ [...] ao escrever “daria a sopa de hoje para poder lembrar até o fim”⁸, não mentia e não exagerava. Teria dado verdadeiramente pão e sopa, ou seja, sangue, para salvar do nada aquelas recordações, que hoje, com o apoio seguro do papel impresso, posso reavivar quando quero e de modo gratuito, e que por isso parecem valor pouco.

Lá, naquele momento, valiam muito. Permitiam-me restabelecer uma ligação com o passado, salvando-o do esquecimento e fortalecendo minha identidade. Convenciam-me de que a mente, apesar de premiada pelas necessidades cotidianas, não tinha deixado de funcionar. Promoviam-me a meus olhos e aos olhos de meu interlocutor. Concediam-me um descanso efêmero mas não embotado; ao contrário, libertador e diferencial: um modo, em suma, de reencontrar a mim mesmo. (LEVI, 2004, p. 118-119)

Os relatos do narrador passam por duas percepções, a dele sobre os fatos e a dos outros sobre os mesmos acontecimentos. Nada escapa dos detalhes que vão descortinando sentimentos e sensações e tomam a si os relatos sobre os outros, seus atos e suas reações. Parece um longo compilamento de frações temporais encadeadas pelas estações do ano, cercadas pela constante presença das seleções rumo às câmaras de gás, o permanente estado de desaparecimento físico. Ele ultrapassa a sua voz e assume as vozes alheias, quer sejam sobreviventes ou muçulmanos, vítimas ou algozes, calados ou falantes, silenciosos *in loquo* ou metaforicamente.

4 Personagem

Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligida a outros.⁹

A vida no Campo ultrapassa a característica humana de ter um objetivo ou uma meta, que justifique suas ações e seus comportamentos, sobre os quais se reflita e se busque atingir em certos períodos de tempo. Isso se efetiva nos períodos de liberdade. O período de confinamento que eliminou a possibilidade de olhar para o futuro e cerceou

⁷ A cultura a que ele são os trechos em que ele declama trechos literários do *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e associa trechos de Ulisses.

⁸ Trecho de LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 169.

⁹ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 180.

toda e qualquer lógica ou racionalidade e também desencadeou um imenso silêncio. Dessa perspectiva, Levi assinala que,

[...] frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio. [...] Aqui [no Campo] a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só. (1988, p. 128-129)

As personagens dessa obra giram em torno de judeus e alemães no contraponto de suas posições quanto à vivência do período nazista. Aos primeiros cabem os papéis de oprimidos, objetivos do extermínio de Hitler, e que passam a compor uma imensa massa de cinzas e de resquícios de componentes físicos (cabelos, dentes, roupas e pertences pessoais). Entre eles¹⁰, há ainda os sobreviventes que podem ser divididos entre os lúcidos e os silenciosos, cuja expressão pode ou não ser fundamentada em sons.

Do outro lado, tem-se o povo alemão que, supostamente, não se apercebeu do horror que ocorria dentro das cercas dos Campos, que não conhecia os mecanismos das indústrias de guerra e da manutenção de várias atividades de subsistência com uma mão-de-obra específica e que, assim, se autopreservava de toda e qualquer possibilidade de culpa. Nesse viés, por último, existem os opressores diretamente ligados aos prisioneiros, que obedeciam às ordens e executavam a administração de todo o complexo e lutavam na guerra além e aquém fronteiras.

Aos alemães cabem as tessituras do ódio em suas diferentes posições, das quais são exemplares o tenente-coronel Otto Adolf Eichmann, responsável pela logística dos Campos e pelo assassinato de judeus. Na leitura da obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt, localizam-se colocações sobre o Holocausto e sua posterior análise histórica.

Ao mal praticado pelo povo alemão é ligado o mecanismo mental da omissão de culpa, pela total e completa obediência aos comandos superiores, o que, nessa perspectiva, não permite qualquer questionamento ou reflexão. Esse direcionamento é claramente percebido na posição de Eichmann¹¹, no transcorrer do julgamento a que foi

¹⁰ Nesse agrupamento, um segmento que não será tematizado neste trabalho, mas que faz parte de todas as engrenagens das vítimas, a saber: os colaboracionistas judeus.

¹¹ Otto Adolf Eichmann, conforme os registros oficiais, foi capturado em Buenos Aires, Argentina, em 11 de maio de 1960 pelo Mossad israelense, pelo qual foi levado nove dias depois para Jerusalém, onde foi julgado na Corte Distrital de Jerusalém, que teve início em 11 de abril de 1961. Em 15 de dezembro de 1961, foi pronunciada sua sentença de morte. Em 22 de março de 1962 começou a Corte de Apelação, na Suprema Corte de Israel, que confirmou a sentença em 29 de maio de 1962. O enforcamento ocorreu em 31 de maio, pouco antes da meia-noite. (ARENDDT, 1999, p. 270-271)

submetido em Jerusalém, quando se absteve da responsabilidade direta pelas atrocidades praticadas a seu comando. Com essa atitude, ele se justifica com atos de obediência, respeito à hierarquia, fidelidade ao nacionalismo do *Führer*, e ao convencimento das maciças propagandas e manifestações, como cita Levi (2004, p. 23). É o recurso a uma lógica externa em que não há culpa, não há responsabilização pelos atos, pois estes permanecem no terreno de obediência.

Nessa atitude do opressor, a verdade inventada se dá silenciosamente, transformando a mentira explícita num autoengano, que favorece o desempenho do papel de inocente. É o que o autor chama de “elaboração do passado mais sutil” (LEVI, 2004, p. 23), em que o algoz busca se omitir de todo envolvimento. É com essa instrumentalidade que se pode perceber claramente o poder do totalitarismo sobre as relações sociais dos indivíduos, que se estende do convencimento à aceitação convicta e à manipulação da recordação. Segundo Levi (2004), é assim que ocorre a construção de um passado de conveniência que inclui também a supressão de atrocidades cometidas através da negação, da falsificação e da fuga. Em consonância com as análises feitas por Hannah Arendt (1999), Levi acentua que:

A pressão que um moderno Estado totalitário pode exercer sobre o indivíduo. Suas armas são substancialmente três: a propaganda direta ou dissimulada pela educação, pela instrução, pela cultura popular; o impedimento oposto ao pluralismo das informações; o terror. (2004, p. 24)

Aos judeus, grande maioria dos prisioneiros, pode-se atribuir três divisões: a primeira cabe aos que saíram vivos e se reinstalaram em uma localidade, a partir da qual buscaram dar continuidade as suas vivências; a segunda diz respeito aos muçulmanos que desapareceram na contabilidade nazista; a terceira abarca aqueles que sobreviveram fisicamente, mas carregavam a colaboração feita com os algozes, a exploração dos seus pares e buscavam manter oculta essa faceta de sua existência através da negação e da não memória (desconsideração desta objetivando o esquecimento).

Aos sobreviventes, Levi dá a palavra ao relatar os acontecimentos que testemunhou e também participou, citando-os e identificando-os pelas características físicas, atividades pregressas, nacionalidades, comportamentos psicológicos e destinos. Sempre que possível, nomes foram citados, bem como apelidos e se possível sua localização posterior. Alguns participaram das atividades do escritor, outros lhe serviram de testemunhos e outros foram deixados à distância por razões desconhecidas

do leitor. Neste grupo se incluem os primeiros e, no caso específico, os silenciosos por vontade própria ou por imposição de sequelas psíquicas. Falar e calar podem ser escolhas por conveniência ou por incapacidade de decisão e essa escolha foi feita por muitos daqueles que não continuaram a viver; desta vez por escolha pessoal, através do suicídio, que tanto pode ser cometido logo após a libertação como tempos depois, quando aparentemente os piores momentos tinham sido superados.

O grande grupo de prisioneiros foi certamente o de muçulmanos a quem Levi credita a verdadeira posse do direito de testemunhar, mesmo sendo as vítimas mais imediatas. Velhos, crianças, doentes, mulheres grávidas, praticantes religiosos formaram os primeiros pelotões rumos às câmaras de gás e de cremação, acompanhados por tantos quantos desembarcassem aleatoriamente nas estações e, ao sabor da sorte, se dirigissem para o lado que havia sido escolhido por soldados SS para ser o mortal. Estes, como propõe Levi (1988 e 2004), formavam as verdadeiras testemunhas do mal instalado pelo Nazismo, sendo, portanto, os únicos que o conheceram na íntegra e por eles todos deveriam narrar, testemunhar. Diz o autor:

A sua vida é curta, mas seu número é imenso; são eles, os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do Campo: a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. (LEVI, 1988, p. 132) (Grifo do autor)

A dificuldade para tal empreendimento só é compreensível para quem experienciou o Campo em todos os seus meandros e percebe que essa narrativa ou testemunho passará necessariamente pelo doloroso e inexorável movimento de apagamento que ocorre com essa massa de pessoas; seres que vão desaparecendo moral, mental e fisicamente, para, só então, se inscreverem nitidamente na história desse período temporal. O escritor assevera que,

[...] sabe-se que eles [muçulmanos]¹² estão aqui de passagem; que, dentro de umas semanas, deles sobrarão apenas um punhado de cinzas em outro Campo próximo e, no Registro, um número riscado. Embora englobados e arrastados sem descanso pela multidão inumerável de seus semelhantes, eles sofrem e se arrastam numa opaca solidão íntima, e nessa solidão morrem ou desaparecem sem deixar lembrança alguma da memória de ninguém. (LEVI, 1988, p. 130)

¹² Com essa palavra, *Muselmann*, os veteranos do Campo designavam os fracos, os ineptos, os destinados à “seleção”. (LEVI, 1988, p. 129)

A marca imagética desses acontecimentos identifica a dor maior dos sobreviventes, quando lhes resta apenas prosseguir sem justificativa alguma pela diferença entre os que desaparecem diante de si e eles, que continuam em atividade. Neste momento é que a construção da memória fundamenta todos os registros que os carrascos objetivavam ocultar ao final da guerra. Aos muçulmanos pode ser creditado o mais fiel relato da história, envoltos pelo cerne da banalidade do mal. Sobre isso, conclui Levi:

Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento. (1988, p. 132)

A culpa judaica pode ser entendida em diferentes níveis e só se pode falar daquilo que é dado a conhecer, como no caso desta obra. A memória reconstruída trouxe ao presente a capacidade de registro preventivo do que o homem é capaz de impingir ao seu semelhante e, a partir disso, refazer o percurso do futuro histórico da capacidade de destruição da própria humanidade. Essa situação é descrita por Primo Levi quando ele fala do Campo como “Um filme em cinza e negro, sonoro mas não falado” (2004, p. 81).

5 Conclusão

Uma parte da nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós; por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem.¹³

A primeira premissa de um Campo era de que: “Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem” (LEVI, 1988, p. 78), mas por sorte dos judeus e por incompetência dos alemães, e certamente, pela dolorosa derrota que lhes foi imposta, isso não se realizou. Nos tempos derradeiros, com os Aliados retomando a Europa e os soviéticos dentro de suas fronteiras, a proximidade da libertação colocou em perspectivas inversas o algoz e a vítima, despertando uma aparente consciência das atrocidades cometidas.

¹³ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 252.

Ao baterem em retirada da governança do Campo, os alemães buscaram desmontar toda a estrutura e levar consigo os sobreviventes com o intuito de abandoná-los pelo caminho, entregando-os à morte, como realmente fizeram. Restou um pequeno número que, previsivelmente, deveria morrer em pouco tempo por doença, pela ausência de todo e qualquer alimento ou bebida e pelo frio excessivo do auge do inverno, mas, destes, um pequeno número de seres esqueléticos, doentes, sem forças e sem esperança superou a última fronteira e sobreviveu. Os sinais da aproximação dos russos e a ausência dos carrascos foram a combinação para reviver, nos agora abandonados, a centelha de lucidez que os manteria física e mentalmente atuantes. Levi conta:

Porque os russos chegarão. O chão treme, dia e noite, debaixo dos nossos pés; no silêncio vazio da grande fábrica, o estrondo baixo e surdo das artilharias ressoa agora sem interrupção. [...]

Os alemães, porém, são surdos e cegos, fechados dentro de uma couraça de obstinação e de deliberado desconhecimento da realidade. [...] São alemães; essa sua maneira de agir não é meditada nem deliberada, vem de sua índole, do destino que escolheram. Não poderiam agir de outra forma. Ao ser ferido um homem já agonizante, a ferida iniciará seu processo de cicatrização, ainda que o corpo inteiro morra amanhã. (1988, p. 206-207)

Ainda de acordo com o autor, “Na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi nem alegre nem despreocupada: soava em geral num contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento” (LEVI, 2004, p. 61). O desmonte do crematório, a retirada dos fornos, a demolição da fábrica e de outras instalações, a devastação por todo o lugar não suscitaram intensas emoções e sim provocaram o lento despertar de uma nova consideração de tempo, o tempo de ultrapassar o mal instalado em cada um. Os últimos soldados executaram sobreviventes pelo mero exercício do prazer de matar e se perderam nos escombros da antiga gloriosa Alemanha do Terceiro Reich; tentaram atingir aqueles que poderiam, eventualmente, mostrar ao mundo a dor de um mal sem causa no qual eles agora se debatiam. Esses momentos finais do Campo são assim descritos por Levi:

O Campo, recém-morto, já estava se decompondo. Nada mais de água e luz; portas e janelas quebradas batiam com o vento; rangiam as chapas soltas dos telhados; no alto, ao longe, voavam as cinzas do incêndio. À obra das bombas somava-se a dos homens: esfarrapados, vacilantes, esqueléticos, os doentes que estavam em condições de se movimentar arrastavam-se por todas as partes como uma invasão de vermes em cima da terra endurecida pelo gelo. (1988, p. 232)

Os que iriam ser libertados precisavam ser liberados da longa escuridão mental que os envolvia, necessitavam encontrar em si mesmos as lembranças da vida anterior,

abandonar gradualmente animalidade que lhes havia sido imposta, para, em tempos posteriores, poderem recuperar a memória, isto é, a sua própria identidade. Como conta Levi: “Esquecêramos não só nosso país e nossa cultura, mas a família, o passado, o futuro que nos havíamos proposto, porque, como os animais, estávamos restritos ao momento presente” (2004, p. 65). Os primeiros contatos com o que sobrara em Auschwitz marcaram profundamente a imagem da época, pois além da destruição dos espaços materiais havia o retrato extremamente pavoroso do estado em que se encontravam os que ainda respiravam, ladeados pelos restos dos que morriam gradualmente.

As criaturas que lá estavam podiam ser divididas em duas partes: os que começavam a dominar novamente o seu corpo físico e que o faziam com o recolhimento pelos soviéticos e aqueles que passavam, desde então, a ter sentimentos de vergonha ou de culpa por vivenciarem essa libertação. Se os atos praticados e a chance de viver lhes era dada, também era necessário que eles fizessem por merecer o privilégio, o que nem sempre lhes era compreensível. Tais sentimentos eram muito complexos, diferentes entre os vários sujeitos que os experienciavam, conforme Levi que narra:

25 de janeiro [1947]. Jazíamos num mundo de mortos e de fantasmas. O último vestígio de civilização desaparecera ao redor e dentro de nós. A obra do embrutecimento empreendida pelos alemães triunfantes tinha sido levada ao seu término pelos alemães derrotados. (1988, p. 252)

Continuar de onde haviam parado, recomeçar com os restos do que possuíam no passado ou elaborar uma nova caminhada eram tarefas árduas e complexas porque cada ser que emergia dos Campos era profundamente só. Só com seu legado de ações, pensamentos e sentimentos e, igualmente, só no sentido material, na medida em que as famílias envolvidas no Holocausto foram dizimadas em grande parte ou no seu total. Voltar desse universo de dor e sofrimento para contar ao mundo o que verdadeiramente se passara era, certamente, uma das mais complexas e difíceis missões, e de acordo com as palavras de Levi sobre os judeus libertados, seriam divididas de modos muito diferentes:

A demarcação entre cultos e incultos, naturalmente, não coincidia de modo algum com aquela entre crentes e não-crentes: antes cortava essa última em ângulo reto, constituído quatro quadrantes bem definidos; os cultos crentes, os cultos laicos, os incultos crentes, os incultos laicos; quatro pequenas ilhas recortadas e salientes, que se destacavam no mar cinzento, infindo dos semivivos [...]. (2004, p. 126)

A obra de Primo Levi é certamente um dos marcos mais importantes para a narrativa testemunhal a cargo da ficção, de onde saem as palavras em tantos quantos foram os idiomas envolvidos, de onde brotam as imagens cênicas de tantas quanto foram as atrocidades cometidas e de onde emergem as personagens-testemunhas que ultrapassaram “a libertação, num cenário miserável de moribundos, de mortos, de vento infecto e de neve suja [...]” como descreveu Primo Levi (2004, p. 125).

Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. 1. ed. 11 reimp. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2. ed. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

WIESEL, Elie. *A noite*. Tradução de Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001.